



O Ogro Filantrópico – Uma leitura da realidade Mexicana e Latino-Americana

Bernardo Goytacazes de Araújo

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da UFJF.

Aluno do Curso de Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea da UFJF.

Formado em Filosofia pela UFJF.

bernardogoyara@hotmail.com

“As sociedades latino-americanas são a própria imagem da estranheza: nelas se justapõem a contra-reforma e o liberalismo, a fazenda e a indústria, o analfabeto e o literato cosmopolita, o cacique e o banqueiro. Porém a estranheza das nossas sociedades não deve ser um obstáculo para estudar o Estado Latino-Americano que é uma das nossas maiores peculiaridades. Por um lado é o herdeiro do regime patrimonial espanhol; por outro, é a alavanca da modernização. A sua realidade é ambígua, contraditória e de certa forma, fascinante.” (Octavio Paz)

I – Introdução

O presente trabalho traz como tema as inquietudes suscitadas ao longo de um semestre que passei estudando esta maravilhosa obra de Octavio Paz, grande escritor mexicano, nascido na Cidade do México, 1914, foi vencedor do prêmio Nobel de Literatura em 1990, vindo a falecer em 1998.

Sua obra nos permite lançar um olhar especial não só sobre o México, mas sobre toda a realidade Latino Americana, trazendo presente as questões sociais, políticas e econômicas que são peculiares ao cotidiano de nossos povos e de nossas culturas. É uma construção que vai sendo feita, permeada de momentos fortes, entre períodos ditatoriais e democráticos, de patrimonialismo e de percepção clara do bem comum, e da construção de um continente que se apresenta, apesar das diferenças, com características iguais, em seus ditames culturais, políticos e sociais.

“No mundo de fala espanhola, Octavio Paz foi o último mandarim intelectual, no estilo de Jean Paul Sartre e Albert Camus na França, José Ortega y Gasset na Espanha ou Alfonso Reyes no México.”²⁸

Octavio Paz foi um grande ensaísta de cunho humanista, motivado em grande parte pela curiosidade em perceber temas de abrangência universais e por relatar as questões concernentes a uma cultura cosmopolita. Tais fatos, o fizeram ser uma consciência viva, que com grande magnitude pôde perceber e salientar sua era, tornando-se assim um ponto de referência em cada momento crítico, seja ele ideológico, político, social, econômico, ou até mesmo em caráter moral ou estético.

O referido autor nos permite observar, em sua obra o “Ogro Filantrópico”, a ditadura que ocorreu no México, por mais de setenta anos, que se apresentou sobre a égide do Partido Governista do México, o Partido Revolucionário Institucional (PRI). Nesta obra, Paz vai costurando um entendimento sobre a forma de abafamento que este regime ditatorial - patrimonialista causou na vida social e cultural do México.

II – A leitura da América Latina

A literatura política de Octávio Paz, no livro o Ogro Filantrópico, brota de um exame profundo das realidades em que a sociedade mexicana estava vivendo. O desenvolvimento do poder e seus mecanismos de ação e de dominação, além do desenvolvimento das classes e de seus interesses, são temas correntes nesta obra²⁹. Os chefes de estado, seus grupos e o arcabouço de ideais que os cercam também não ficam fora da avaliação do autor. Há um conjunto de reflexões e de análises sobre o passado plural mexicano, e seus desdobramentos

28 O Estado de São Paulo – 26 de Abril de 1998.

29 “(...) eu não quis fazer nem ontologia, nem filosofia do México, mas uma crítica social política e psicológica. É um livro dentro da tradição francesa do ‘moralismo’”.(PAZ, Octávio. O ogro filantrópico. P.26)

na atualidade, influenciando diretamente a ação da população e seus ditames no contexto do século XX. Este livro continua bastante atual, pois nos faz pensar na construção da identidade latino-americana, em uma análise especial, a Mexicana.

Ao analisar o contexto da segunda metade do século XX, o autor já se coloca assustado sobre a grande divisão que ocorria entre países pobres e países ricos. É feita uma análise do ponto de vista cultural e histórico e logo este fosso existente toma dois opostos: países centrais ou imperiais e países periféricos ou marginais (países sujeitos e países objetos).

Para se fundamentar nas análises de contexto, várias linhas de entendimentos são lançadas, inclusive a importância do positivismo no México.

O livro explica como essa filosofia (positivismo) foi adotada pelas classes dominantes. Tanto na Europa quanto entre nós, o positivismo foi uma filosofia destinada a justificar a ordem social imperante. (...) Entretanto, ao cruzar o mar o positivismo mudou de natureza. Lá a ordem social era a da sociedade burguesa: democracia, livre discussão, técnica, ciência, indústria, progresso. No México, com os mesmos esquemas verbais e intelectuais, foi na realidade a máscara de uma ordem fundada no sistema latifundiário. O positivismo mexicano introduziu um determinado tipo de má fé nas relações com as idéias.”³⁰

III – Uma Filosofia da História

Há uma preocupação em se fazer uma Filosofia da História, procurando perpassar pelos caminhos os quais fizeram o México ser o país que é hoje³¹, bem como as suas peculiaridades. A História³² assume um papel primoroso, que se encontra no limiar da poesia e da ciência. “*O saber Histórico não é quantitativo e nem o historiador pode descobrir leis históricas. O historiador descreve como o homem da ciência e tem visões como poeta.*”³³ O homem que se encontra inserido na obra de Octávio Paz, é um homem-história, ou seja, ele não é apenas objeto ou um sujeito histórico, mas ele mesmo, enquanto ser que é, é histórico, ele é as mudanças, ele é ele mesmo e suas circunstancialidades.

30 PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. P.25

31 “*A História nos dá uma compreensão do passado e, às vezes, do presente. Mais do que um saber, é uma sabedoria. Enfim, minha tentativa foi a de ver o caráter mexicano através da História do México.*” P.27

32 “*A substância da História, seu miolo, não são as idéias, mas o que está abaixo delas: as crenças. Um homem se define mais pelo que acredita do que pelo que pensa.*” P.48

33 _____p.27

A visão política nos permite lançar um olhar sobre o caudilhismo³⁴. A visão mexicana se inspira em dois parâmetros que se bifurcam: o primeiro é a visão do líder como pai e a segunda forma é como macho. A figura do pai protege a todos e estende suas ações em benefício dos seus, logo este presidente é aquele que se coloca como paternalista, ajudando a todos, sendo pai de todos. Já na visão do macho, é aquele pai durão, que se foi e largou a família para trás. A imagem mexicana se altera nesta bipolaridade: O senhor presidente e o caudilho. Ao falarmos dos caudilhos, em especial os hispano-americanos, podemos dizer que o poder que eles possuem não vem da investidura, mas são eles quem dão poder às investiduras e as fazem ser poderosos elementos de demonstração do poder. Com o caudilhismo a sucessão de poder se realiza pelo golpe, ou pela morte do caudilho. “*O caudilhismo, concebido como remédio heróico contra a instabilidade é o grande produtor de instabilidade no continente. A instabilidade é consequência da ilegitimidade.*”³⁵

IV – Busca de sentido

Um ponto chave do pensamento do autor é a forma como este percebe a alienação, pois no conceito marxista bastava que o homem fosse dono de sua produção e como consequência disto, seria dono de seu destino e todo o “alienar-se” terminaria. Entretanto, no pensamento de Octávio Paz, a forma como nos alienamos é quando queremos ser o outro, dentro de mim!³⁶ E a sociedade mexicana, bem como a maioria da América Latina, tem em si um sentimento de que nada que vem de nós mesmos pode ser útil, ou benéfico, vale tudo aquilo que é de fora. Queremos sempre ser o outro, de outras formas, com outras culturas, que julgamos ser melhor do que as nossas. Formamos um conjunto de múltiplas etnias e raças! Ao mesmo tempo em que nos compomos como falantes de línguas latinas, colonizados por Ibéricos, nos portamos de maneira clara e distinta a querer nos diferenciar e a nos distanciar uns dos outros. Cada grupo leva em si uma marca que ao mesmo tempo em que o faz ser

34 “Caudilhismo é o exercício do poder político caracterizado pelo agrupamento de uma comunidade em torno do caudilho. Em geral, caudilhos são lideranças políticas carismáticas ligadas a setores tradicionais da sociedade (como militares e grandes fazendeiros) e que baseiam seu poder no populismo. Muitas vezes, líderes são chamados de caudilhos quando permanecem no governo por mais tempo do que o convencional.” (Dicionário Aurélio)

35 _____p.31

36 “Essa alienação é o fundo da natureza humana e não da sociedade de classes! Estou mais próximo de Nietzsche e de Freud que de Marx.” (PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. P.44)

latino, também o faz ser diferente. Cada nação proporciona aos seus um conjunto de princípios, de história e de cultura, entretanto nossas histórias permeiam horizontes diferentes. Cada raça carrega consigo um sentimento de querer fazer a diferença, e de concomitantemente assumir o outro que se porta comigo.

“A Nova Espanha quis ser a Outra Espanha (...) queria ser a realização da velha. Para consumir a Velha Espanha, a nova se negava e fazia outra. A imagem do Fênix aparece constantemente na literatura dos séculos XVII e XVIII: Sigüenza y Góngora chamam a São Tomé / Quetzalcóatl de a Fênix do Ocidente, quer dizer a Fênix Americana. O apóstolo nasce da pira em que se incendiavam o deus indígena e a nova Espanha brota das cinzas da Velha. Mistério insolúvel: é outra e é a mesma!”³⁷

A América Latina está, como que em um bloco uníssono, buscando um sentido, um significado, seja no retorno as origens indígenas e aos mitos que nos deram bases e significados, mas que hoje não preenchem certas lacunas que nos são apresentadas, ou mesmo tentando perceber uma nova estruturação para o século XXI. Sabemos o que não queremos ser, mas não sabemos onde queremos chegar a ser! Parece que ainda carecemos da fala de Ortega e Gasset “Eu sou eu e minhas circunstâncias!” Estamos ainda nos percebendo enquanto não mais colonizados, mas também não como ponto de lança no mundo pós-moderno, globalizado e neoliberal. Estamos buscando uma identidade, como a exemplo do México, que não é mais Asteca, mas também não o é colônia Espanhola. Muito menos se equipara a potência que graça a suas cabeças, Os EUA, que a todo o momento mostram como numa mesma “terra” as oportunidades se tornam antagônicas, trazem para nós os efeitos das revoluções dos séculos XVII e XVIII.

“A realidade histórica tem muitos meios de se esconder. (...) A sociedade vice-real dos séculos XVII e XVIII no México, é um mundo que todos conhecíamos, mas que ninguém havia visto.”³⁸

“A Nova Espanha – esse nome recobre uma sociedade estranha e um destino não menos estranho. Foi uma sociedade que negou com paixão seus antecedentes e antecessores – o mundo indígena e o espanhol – e que ao mesmo tempo entreteceu com eles relações ambíguas, por sua vez foi uma sociedade negada pelo México Moderno. O México não seria o que é sem a Nova Espanha, porém o México não é a Nova Espanha. E mais, o México é sua negação. A sociedade novo-hispânica foi um mundo que nasceu, cresceu e que no momento de alcançar a maturidade, extinguiu-se. O México o matou.”³⁹

37 _____p.50

38 PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. p.49

39 _____p.49

A América Latina recebeu como grande herança Européia, mais especificamente Ibérica, a tradição da Contra-Reforma, mesmo que a “Reforma” não nos tenha tocado. É o que acontece de maneira contrária com os EUA e com o Canadá, onde o pensamento reformista – protestante – chegou e encontrou solo fecundo para suas idéias, seja por meio dos imigrantes, ou mesmo pelos que lá já estavam e aderiram à forma protestante de ser, com posturas, hábitos e principalmente, com idéias diferentes do mundo católico. Os EUA são a negação do que foram os mexicanos nos séculos XVI e XVII e do que desde XIX muitos dentre estes, gostariam de ser.

“No momento em que a Europa se abre para a crítica Filosófica, científica e política, a Espanha se fecha e encerra os seus melhores espíritos nas jaulas conceituais da neo-escolástica. (...) O catolicismo na Nova Espanha era o da contra-reforma, uma religião na defensiva, e que já havia esgotado seus poderes criativos.”⁴⁰

Há dentro do México, um conjunto de “Méxicos”, que se contrapõe na forma de diferentes entidades históricas. A primeira é a antiga sociedade indígena, a segunda é a Nova Espanha, e em um terceiro momento temos uma forma “crioula” de se pensar, não sendo nem europeu e nem indígena. *“Já em fins do século XVII se pode falar de um caráter crioulo, isto é de um jeito de ser no qual existem modos diferentes de se defrontar com este mundo, e o outro, com o sexo e com a morte, com o ócio e com o trabalho, conosco mesmo e com o outro!”⁴¹*

V – A política

Ao dar início ao incipiente projeto político do México, os crioulos contrastavam entre riquezas, complexidade e da originalidade, pois possuíam em si uma formação da Companhia de Jesus. Esta era não só uma educadora da classe dirigente, como também um parâmetro norteador na sua consciência moral e política. O império Mexicano era apenas uma imagem que se mostrava de maneira antagônica. Em um primeiro momento, parecia um prolongamento do Estado Espanhol, entretanto, lidava com elementos étnicos, culturais e raciais que este mesmo Estado não poderia dar conta. A Nova Espanha era uma realidade social muito mais vasta do que o parâmetro norteador que a orientava.

40 _____p.54

41 _____p.65

A expulsão dos jesuítas cria uma crise sem tamanho, pois mexe na intelectualidade dos crioulos mexicanos. Não só perdêramos educadores, como também os ditames filosóficos que os norteavam e garantiam sua existência. Neste momento, outras formas de se pensar são buscadas e então buscam a outra América, aquela que não foi concebida pela Contra Reforma, mas pela afirmação do novo e do revolucionário. *“Uma a de língua inglesa, é filha da tradição que fundou o mundo moderno, a Reforma, com suas conseqüências políticas e sociais, a democracia e o capitalismo; a outra é de fala portuguesa e castelhana, filha da monarquia universal Católica e contra-reformista!”*⁴² Eis aí o parto do novo México, em que a Nova Espanha para se firmar se separa da Espanha, negando-se a si mesma. E esta negação foi não só a morte de si mesma, como também o nascimento de uma nova sociedade mexicana⁴³.

Os ricos que governavam estas terras nunca foram de cunho liberal, bem como democrático. São visionários dos EUA, por interesses econômicos e políticos, porém a sua moralidade e seus pensamentos se conjugam na ação autoritária, patrimonialista, caudilhista.

Ao passo que nos EUA⁴⁴ as instituições saíram fortalecidas do processo de rompimento entre Estado e Igreja, dando ênfase no indivíduo, na América Latina ocorreu o contrário. Do rompimento entre a Igreja e o Estado o que ocorre é o fortalecimento do controle das consciências individuais e das vontades de cada um. *“A revolução política na América Latina, não passou de mais uma manifestação patrimonialista hispano-árabe. Combateu a Igreja como um rival, fortaleceu o Estado autoritário, os caudilhos não foram mais brandos que os conservadores; acentuou o centralismo, tornando endêmico o caudilhismo.”*⁴⁵ O México estava, como toda a América Espanhola, condenado a ser livre, entretanto, sua tradição sempre havia negado a liberdade e a modernidade. Este México não conseguiu ser um Império, mas uma República, e a ideologia que alimentou sua classe governante não foi a de um império católico, mas de um nacionalismo burguês. As leis e os parâmetros foram mudados, entretanto os homens não, nem as relações de propriedade e de

42 _____p.67

43 “A independência foi um falso começo: libertou-nos de Madri, não do nosso passado. À medida que os nossos sonhos de modernidade se dissipavam, crescia o fascínio pelos EUA. (...) Estes além de serem um ideal político e social, eram um poder intruso, um agressor.” (PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. p.73)

44 “A adoção de um modelo norte-americano contribuiu para a desagregação dos valores tradicionais; a ação política e econômica do imperialismo norte-americano fortaleceu as arcaicas estruturas sociais e políticas. Essa contradição revelou que a ambivalência do gigante não era imaginária, mas real.” (PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. p.76)

45 _____p.72

dominação.

Levando em conta a formação dos Estados Unidos e do México, percebemos que ao penetrarmos nas profundezas de ambos, percorremos câmaras que são ao mesmo tempo, de horrores e de maravilhas. Entretanto existe uma diferença: o castelo do ogro surpreende-nos por seu arcaísmo; os EUA por suas novidades⁴⁶. No antagonismo que percebemos na América do Norte, vemos que as questões vão muito além de simples limites de fronteiras, mas permeiam os ditames intelectuais, as posturas de entendimento perante o mundo e as formulações culturais. Os EUA são uma democracia interna sim, mas ao mesmo tempo se apresentam como um império que avança a passos largos rumo à sua sustentação. E o México é um dos alvos diretos desta ação que é proveniente do “norte”.

VI – A revolução Mexicana

Ao levarmos em conta os estudos sobre a Revolução Mexicana⁴⁷ percebemos que esta havia fracassado em seus três propósitos centrais: instaurar um regime democrático; dar razoável prosperidade e dignidade aos cidadãos, construir uma nação moderna decidida a enfrentar seu futuro. No que concerne aos pontos centrais da Revolução, esta conseguiu terminar com o regime autoritário de Porfirio Díaz, das oligarquias e a liquidação dos latifúndios. Entretanto, esta mesma Revolução substituiu a ditadura pessoal de um caudilho pela ditadura impessoal de um partido único. Houve a destruição do latifúndio, mas não houve reforma agrária; recuperou o petróleo, e outros “bens” nacionais, mas não soube como administrá-los. Ou seja, tiveram uma nova roupagem que também não conseguiu desatar os nós que travavam o desenvolvimento da nação mexicana. Outrossim, alguns pontos positivos

46 _____p.78

47 “A Revolução Mexicana ficou conhecida como um movimento armado, social e cultural iniciado no México em 1910 por causa da ditadura do General Porfirio Díaz e que culminaria oficialmente com a promulgação de uma nova constituição sete anos depois, ainda que os surtos de violência continuariam até finais da década de vinte. O movimento teve grande impacto nos círculos operários, agrários e anarquistas a nível internacional pois a Constituição de 1917 foi a primeira no mundo a reconhecer as garantias sociais e os direitos coletivos dos trabalhadores. (...) Madero, adversário de Díaz nas eleições foi exilado e de lá fez um manifesto, convocando um levante armado e a anulação das eleições de 1910. Diversos rebeldes e caudilhos populares responderam ao chamamento mas nunca formaram um movimento homogêneo nem compartilharam os mesmos ideais. Brigavam camponeses indígenas encabeçados por Emiliano Zapata, que reclamavam o roubo ancestral de suas terras, e as tropas de Pancho Villa, um foragido que estendeu os conflitos até o território dos Estados Unidos.” (PILETTI, Nelson. Toda a História.)

foram logrados com a revolução, como é o caso da construção de represas, de estradas, e um sistema de educacional popular.

É de se exaltar um caráter genuinamente popular da revolução, levando em conta os diversos aspectos que a permeavam. Os revolucionários eram a verdade do México, uma verdade escondida entre as entranhas que se aflorou com a revolução, e com os ideais que esta pregava.

O ponto de união entre o Porfiriato e a Revolução, esses inimigos gêmeos, é o liberalismo, a República da Restaurada em 1867. Porfiristas e revolucionários, sempre se acharam como continuadores da Constituição de 1857 e das leis da Reforma. O que os fazia unir era o ponto tríptico do liberalismo, do positivismo e o revolucionário; os três se apresentam como variantes de uma mesma idéia: converter o México em uma nação moderna. O fracasso destas tentativas é o fracasso do projeto liberal do México. Desapareceu o partido conservador e a sua filosofia política, não os interesses conservadores que o governavam. Esses interesses aparecerem com “máscaras” liberais e posteriormente com o vocabulário revolucionário.

Os sucessivos planos de construção da modernidade mexicana foram verdadeiras formas que tentaram modificar a cultura, mas que conseguiram apenas certa deformação sem, no entanto, mudar a sociedade e a alma do povo mexicano.

“Tanto os liberais quanto os revolucionários mudaram as leis do país, porém não as suas realidades. Vitórias no papel: o federalismo, a divisão dos três poderes e a democracia representativa. A realidade é outra: o México é um país centralista, o poder legislativo e o judiciário são apêndices do poder executivo; Porfírio Díaz nomeava os deputados e senadores, depois cada presidente fez o mesmo.”⁴⁸

Apesar de se tirar o hábito, o México não perde o “hábito” de ainda continuar tendo os mesmo parâmetros e ações. Apesar de ter acontecido uma reestruturação política e de instituições, estas servem da mesma forma e maneira como as antigas, aos mesmos antigos interesses, mantendo-se de forma corruptível.

O que ocorreu no México foi que *“o característico deste não é que as sobrevivências pré-colombianas se apresentem mascaradas, mas o fato de ser impossível separar a máscara do rosto: fundiram-se.”⁴⁹* Ou seja, nem Tenochtitlán, nem a Nova Espanha são o México, este

48 PAZ, Octavio. O Ogro Filantrópico. p. 97

49 _____p.95

se inicia com um grande processo de ruptura e de negação. Eles não sabem o que são, e nem de como poderiam prover tais bases. O México se inicia sabendo o que não quer ser, mas não o sabe bem, como o será!

VII – O Patrimonialismo e a política Mexicana

“Os governantes revolucionários saíram todos do povo; eles, ou suas famílias, tinham sido as vítimas do cacique, do militar e do latifundiário. E agora, estas vítimas se haviam convertido em chefes despóticos, ministros vorazes senadores e deputados servis, governadores ladrões, alcaides arbitrários.”⁵⁰

Fica evidente, na construção do arcabouço político mexicano, que o discurso do oprimido, com todas as suas causas e valores, se transforma, pelo poder, no discurso do opressor. Quando um determinado grupo, como foi no caso mexicano, assume o poder e o faz como causa e benefício próprio tem-se então um estado patrimonial, onde as riquezas e os bens deste estão a serviço de uns poucos, que se apropriam da máquina estatal e fazem uma governabilidade particular, privada, assumindo certos interesses, que muitas vezes não são concernentes ao bem do Estado.

Ao observarmos o evento do patrimonialismo, percebemos que é a vida privada imbricada na vida pública. Ou seja, os cargos administrativos e de confiança são ditados por aquele que governa. É ele quem manda na organização deste de uma pequena agência a uma autarquia. Todos os cargos nomeados são nomeados por ele: ministros, secretários, agentes... Entretanto, há uma grande curiosidade nos regimes patrimoniais, pois estes não se petrificam em ortodoxias e nem se transformam em burocracias. Em última instância, a vontade deliberada, é aquela de quem tem poder de ação real. O “príncipe” manda e seus “chegados” comparecem, sejam eles companheiros, camaradas ou cidadãos!

A natureza do Estado mexicano se revela em três momentos bastante distintos e ao mesmo tempo interligados, que são a burocracia estatal, o conglomerado heterogêneo de amigos e a burocracia política do PRI formada por profissionais da política (em linguagem popular, isto ficou conhecido como o governo do clã, da patota e do partido!). A grande questão que se apresenta no México é *“que desde 1968 não consiste unicamente saber se o*

50 . _____ .p.89

Estado poderá governar sem o PRI, mas se nós, mexicanos, nos deixaremos governar sem o PRI". Não havia pluralismo político no México, e a grande proposição apresentada era como os interesses mexicanos ficariam sem o PRI⁵¹, que é o braço político do poder, e se este realmente seria a única via para o Estado Mexicano.

A situação dos partidos políticos no México é um sinal da ambígua modernidade Mexicana. Outro ponto que também nos faz perceber este estágio ainda probatório do Estado é a questão da corrupção. Ou seja, da ótica patrimonialista, ainda se percebe muito bem quais são os interesses subjacentes e quais elementos formam a rede de corrupção que assolou o México e também o Brasil conforme visto nos últimos anos. A tomada do Estado, pelo poder daqueles que muitas vezes não o conhecem realmente, ocasiona esta visão de tornar particular, aquilo que é "coisa-pública".

"A corrupção da administração pública mexicana, escândalo para nativos e estrangeiros, não passa no fundo de outra manifestação da persistência dos modos de pensar e sentir, exemplificados nas doutrinas dos teólogos espanhóis. Pessoas de irreprochável conduta privada, espelhos da moralidade na sua casa e no seu bairro, não têm escrúpulos em dispor dos bens públicos como se fossem próprios. Trata-se não tanto de uma imoralidade como da vigência inconsciente de outra moral: no regime patrimonialista são vagas e flutuantes as fronteiras entre a esfera do público e do privado, a família e o Estado. Se cada um é o rei de sua casa, o reino é como uma casa e a nação como uma família. Se o Estado é o patrimônio do rei, como não vai ser também dos seus parentes, amigos, servidores e favoritos? Na Espanha, o primeiro ministro se chamava de privado!"⁵²

VIII – O nosso horizonte

Assim como no México, também observamos esta casta política em toda a América Latina, tentando fazer do Estado um grande palanque de ações e de bandalheiras, onde o Estado são eles quem o governam, mandam e se explicitam! Assim, não só o México, mas toda a América Latina deve buscar o seu rumo de crescimento e a sua própria modernidade. Devemos inventá-la, com as nossas bases, com a nossa cultura, mas permeando os elementos da governabilidade, da democracia e da liberdade, inclusive a de expressão. Precisamos

51 "O PRI nasce de uma necessidade: assegurar a continuidade do regime pós-revolucionário, ameaçado pelas querelas entre militares sobreviventes das guerras e dos distúrbios que sucederam a derrocada de Porfirio Díaz." p. 110

52 _____p.116

inventar nossa modernidade partindo do “*viver e do morrer, produzir e do gastar trabalhar e gozar, que criou o nosso povo. É uma tarefa que exige de nós um realismo extraordinário e uma imaginação não menos extraordinária.*”⁵³ Devemos, antes de tudo, nos curar das ideologias que aqui tomaram túmulo e que nos impedem de tentar pensar e ver novos horizontes, constituídos por nossa expressão e por nossos povos.

IX – Bibliografia

- PAZ, Octavio. *El ogro filantrópico*. 1ª. Edição. Barcelona: Editorial Seix-Barral, 1983.
- VÉLEZ-RODRÍGUEZ, Ricardo. *Estado, Cultura y Sociedad en la América Latina*. Bogotá: Universidad Central, 2000.
- VÉLEZ-RODRÍGUEZ, Ricardo. *Patrimonialismo e a realidade latino-americana*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2006.

53 _____ p.117